

TORPEDO: UM MODELO DE RESISTÊNCIA LÉSBICA NA ESCOLA

Denise Bastos de Araujo e Marilu Dantas

Secretaria da Educação do Estado da Bahia: denise_baraujo@hotmail.com e
marilucarvalhodantas@gmail.com

Resumo: Esta proposta visa refletir sobre o vídeo Torpedo, a partir do trabalho de pesquisa de duas professoras da Rede Estadual de Ensino, com o propósito de ‘cruzar’ os dados das duas pesquisas que foram realizadas em escolas públicas da Bahia. As pesquisas, embora tenham campos empíricos diferentes, apresentaram resultados semelhantes no que se refere ao olhar da docência sobre Torpedo, um vídeo de três minutos que relata a decisão de duas meninas em assumir publicamente uma relação amorosa. As metodologias das duas pesquisas contaram com a visualização do vídeo e aplicação de questionários para docentes e o aporte conceitual desse artigo está subsidiado pelos trabalhos de Judith Butler e de Teresa De Lauretis.

Palavras-chave: Educação; Sexualidades; Lesbianidade; Tecnologias de gênero.

A escola é o lugar da construção e produção do saber, um espaço que potencialmente pode agregar infinitas discussões, mas também é o espaço de reprodução das normas hegemônicas, quando ignora determinadas temáticas possíveis para um diálogo frente à diversidade. A escola muitas vezes silencia sobre determinadas sexualidades, como se não existissem implicações em silenciar. Gênero e sexualidades são construções sociais cujos arranjos permeiam toda a sociedade, inclusive dentro da comunidade escolar. Com o advento dos Estudos Culturais, dos movimentos feministas e LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – foi possível criar as condições para introduzir esse debate nos espaços escolares. Esse artigo vai discutir os resultados de duas pesquisas¹ a partir da exibição do vídeo Torpedo², para a docência de algumas escolas da rede pública estadual da Bahia. Dessa forma, aqui se pretende em primeiro lugar, trazer o método e seu percurso utilizado, a sinopse do vídeo, depois o questionamento que foi aplicado em cada uma das duas pesquisas com os resultados encontrados e, por último, as nossas análises e considerações.

As duas pesquisas tomam como ponto de partida a exibição do vídeo “Torpedo”, e usa a “tecnologia de gênero” de uma forma desconstrutiva, quando questiona a docência sobre a ausência do beijo no final da narrativa. O vídeo foi analisado pela ótica do “performativo curricular”, na junção dos conceitos de currículo e de performatividade de gênero, defendido por Butler (2010). Essa autora considera o gênero performativo por não ser nem uma afirmação, nem uma negação,

¹ “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”: o performativo curricular – na análise de Torpedo um vídeo do Kit Escola sem Homofobia; e “Olhares e vozes da escola: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero”.

² Vídeo que fez parte do Projeto Escola sem Homofobia, cuja principal ação foi a apresentação de um kit, formado por livro, caderno, vídeos e bolesh, voltado para a formação da docência.

mas sim práticas discursivas que produzem aquilo que nomeiam, porque criam verdades por meio de repetições de atos, ações que apresentam alguma equivalência com as estruturas sociais e culturais em que o sujeito está inserido e “[...] se cristalizam ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural.” (BUTLER, 2009).

Dessa forma, se estabelece a nossa organização social baseada em uma heteronormatividade. Teresa De Lauretis (1994, p. 208-209) complementa esse argumento quando reconhece os meios que a sociedade e o binarismo se constroem. Essa autora diz que “as diferentes tecnologias sociais, como o cinema, os discursos, as epistemologias e práticas institucionalizadas, bem como as práticas da vida cotidiana” são as responsáveis pela formação do masculino e do feminino.

O vídeo é uma animação com fotos, em que se ouve o diálogo ao celular entre Ana Paula e Vanessa, após serem surpreendidas com divulgação, por toda escola, de fotos que sugerem um relacionamento afetivo-sexual. Este é o mote para que elas assumam o namoro com um afetuoso abraço na hora do intervalo.

A primeira pesquisa foi realizada em três encontros³, para verificar se a docência percebia a “anormalidade” apresentada em Torpedo, em função da ausência do beijo no final da história, que selaria o namoro entre as duas personagens/alunas. Isso em função de o beijo ser uma prática comum nas representações de afeto em casais heterossexuais no ocidente. Na lógica do performativo curricular existe a repetição de padrões heteronormativos, no entanto, Torpedo é um vídeo educativo, produzido com o propósito de desconstruir tais padrões. A partir daí, analisar qual a representação que as professoras têm da não heterossexualidade, o que pensam sobre a função da escola e as ações desenvolvidas nesta instituição, além de outras avaliações que fariam da história.

Para atender o objetivo deste artigo, vamos nos deter na segunda pergunta, do primeiro dia do encontro. “- O que você mudaria no vídeo?”

Onze professoras responderam a questão, mas nenhuma sinalizou a necessidade de mudar o final da história com um beijo apaixonado das protagonistas. Um dado curioso foi que, algumas professoras não entenderam de início, que as meninas eram lésbicas e formavam um casal: “partindo do princípio que duas moças, sei lá, amigas, podem perfeitamente, naturalmente se encontrarem em público, manifestarem carinho sem necessariamente serem lésbicas”. Outra resposta que identifica a representação da lesbianidade, dentro de estereótipos de que toda lésbica tem uma representação masculina: “achei as cenas, até certo ponto normais, francamente, num

³ A primeira pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual na cidade de Salvador/Ba, com doze professoras de Língua Portuguesa, durante o horário de AC – Atividade Complementar.

primeiro olhar não diria que as meninas são lésbicas, até pela maneira de se vestirem; elas se vestem femininamente, sendo assim mudaria também o traje das meninas para que ficassem mais masculinizadas”.

Para outra professora: “[...] as cenas entre as meninas deveriam ser mais apimentadas, pois como já mencionei anteriormente, achei as cenas, até certo ponto normais [...]”. As respostas podem ser avaliadas a partir de outro ponto importante que as professoras revelaram no texto, o fato do material não ser apelativo: “[...] é muito leve e sem agressões [...]”. A suposta falta de agressão no vídeo pode ser a ausência do beijo ou falta de cenas de sexo, comum na teledramaturgia brasileira, exibidas nos mais diversos horários, que retratam histórias de casais heterossexuais, em que a prática sexual, os beijos apaixonados são permitidos, repetidos e aceitos “naturalmente”. É na repetição desses atos, desses modelos, que determinados grupos são privilegiados em detrimento de outros, geralmente pouco ou sem representação.

Os relatos de algumas professoras abordam a necessidade da intervenção pedagógica da escola, considerada omissa: “A falta de um trabalho de intervenção na escola causou constrangimento, sofrimento e elas sozinhas resolveram toda problemática”. Também falam sobre a falta de preparo dos professores em trabalhar com o tema na escola, afirmando a necessidade de cursos de formação para os professores para tentar diminuir as dificuldades em tratar a sexualidade no currículo escolar. Como afirma uma das entrevistadas, “[...] trabalhar a sexualidade no âmbito escolar é algo que demanda muita cautela e cuidado, pois cada ser tem uma bagagem da sua realidade, tanto social como cultural”.

O material avaliado no primeiro encontro mostra como a heterossexualidade é naturalizada, e a não heterossexualidade é estabelecida e compreendida em um patamar de anormalidade na representação do afeto, pois nenhuma professora opinou por mudanças no final da história para sugerir o beijo entre as meninas, cena tão comum nos roteiros de novelas, filmes e propagandas para indicar um final feliz entre casais não heterossexuais.

Na segunda pesquisa⁴ o questionamento para as pessoas entrevistadas era o seguinte: “Você acha que esse vídeo poderia terminar com um beijo apaixonado entre as duas moças?”

A resposta ao questionamento podia ser dada ao marcar um X no sim ou no não, mas a pessoa entrevistada também podia justificar sua resposta em um espaço reservado. Para uma noção quantitativa das respostas, lanço mão das categorias entrevistadas e proponho a tabela a seguir:

⁴ A segunda pesquisa foi realizada em quatro escolas, com questionários aplicados à comunidade escolar. Nesse artigo são analisados apenas os resultados referentes à docência, por serem eles os únicos relevantes para o estudo comparativo.

Tabela 1: Resultado quantitativo da aplicação de questionários sobre Torpedo

	Sim	Não
Estudantes	27	10
Docentes	05	12
Apoio	06	09
Gestão	02	01
Total	40	32

À primeira vista, a totalização da tabela pode até dar alguma tranquilidade, porque mostra certo equilíbrio, até com supremacia, para as respostas que aceitam as expressões de afeto em público. Mas, olhando minuciosamente para os resultados, podemos perceber que a posição da docência chama atenção e é preocupante. Analisando os resultados, podemos afirmar que mais da metade da docência acredita que demonstração de afeto entre duas meninas não é algo admissível.

Um olhar qualitativo sobre algumas respostas que justificaram a presença do beijo no final do vídeo Torpedo nos mostra que o corpo de estudantes afirma que “[...] tem de parar de pensar que só homem pode ficar com mulher”, porque as pessoas “podem amar de formas diferentes”, afinal, elas “se gostam” e escolheram uma “forma muito corajosa” “para enfrentar as pessoas que estavam as sacaneando”, como também “para o mundo ficar acostumado a esse tipo de coisas” e, assim, “acabar com o preconceito”, porque “não teria jeito melhor para quebrar esse tabu, que é a homossexualidade [...]” e se “elas têm suas escolhas e enfrentaram a barra juntas, elas são felizes assim, isso que importa”.

A docência não vê a necessidade de beijo no final do vídeo e, para isso, justifica dizendo que “nem todo mundo está preparado para ver tais cenas, assim como elas gostariam de ser respeitadas, as pessoas que são homofóbicas também”. Além disso, “não seria necessário, pois suas ações (abraço e olhares) já expressam tudo” e “[...] assumir a relação está de bom tamanho, um beijo apaixonado revela muita intimidade e intimidade só em quatro paredes”. Até porque “não há necessidade de um beijo para atestar publicamente a relação de namoro entre elas”, afinal de contas “não é o beijo que vai resolver a situação” e, convenhamos, “adolescente ainda não sabe o que quer, pode ser uma amizade muito eloquente que pode terminar, [...] deve existir uma orientação, palestras”.

O paralelo foi feito propositadamente entre estudantes e professoras por causa da distância entre as duas posições apresentadas na tabela. Nesse sentido, chamo atenção para a posição dos/as

estudantes que, apesar de estarem sob os auspícios da orientação de alguns representantes da docência cujo preconceito aparece nas situações vividas nos vídeos, se posicionam de forma respeitosa para com a diversidade sexual.

As afirmativas apontam para a invisibilidade do namoro das duas meninas e demonstram certa ingenuidade, como se essas pessoas não conseguissem reconhecer a possibilidade de outras formas de relacionamento. Quando os aparatos tecnológicos de gênero investem nas sexualidades das pessoas, é percebível apenas quando aparecem de forma estereotipada. A homossexualidade é reconhecida ou “descoberta” a partir de corpos do homem efeminado ou da mulher masculinizada. Ou seja, quando não se concretiza a sequência coerente sexo-gênero-desejo-práticas sexuais, e se elas se embaralham (BUTLER, 2003), as sexualidades transgressoras dificilmente aparecem, tanto que não é raro escutar certos comentários do tipo: “ - É gay? É lésbica? Mas nem parece!”. Isso porque “o que o binarismo produz como norma da heterossexualidade pode suscitar também transgressões em corpos normativos, e esta é apenas mais uma das possibilidades de ser homem ou de ser mulher.” (ARAÚJO, 2014, p. 720).

Se em Torpedo as duas meninas se empoderaram ao assumir a relação afetiva como forma de combater o *bullying*, essa modalidade de ação pode criar, na audiência, a expectativa de que existe possibilidade de combater a homofobia na escola. Nessa direção, e considerando os resultados das duas pesquisas aqui apresentadas, concordamos que é de responsabilidade da escola instrumentalizar a juventude para reconhecer direitos e deveres, para saber se defender, já que em casa, de uma forma geral, jovens não partilham suas vivências ou, quando descobertos, sofrem sanções.

Além disso, defendemos também a necessidade de formações para docência e gestão que provoquem reflexões sobre como estas estruturas hegemônicas foram e são construídas, e como elas provocam a exclusão, discriminação, o preconceito, LGBTT-fobia.

Logo, não existe neutralidade na prática educativa, a escolha pelos elementos do currículo escolar definirá a intensão teórica, metodológica da escola, e assim, necessita ser ampliada, principalmente nesta atual conjuntura política em que as palavras gêneros e sexualidades foram retiradas do Plano Nacional de Educação (PNE) e do Plano Estadual da Educação do Estado da Bahia. É preciso permanecer vigilante, e em cotidiano ativismo, no sentido de combater qualquer ato de desrespeito com aquelas pessoas que nos dispomos a ensinar/cuidar.

Referências

ARAÚJO, D.B. *Olhares e vozes da escola: elementos para a formação de políticas públicas para o respeito à diversidade sexual e de gênero*. Orientador: Leandro Colling. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

ARAÚJO, D. B. Olhares sobre gênero e sexualidade: a voz da escola In book: **Discurso, discursos e contra-discursos latino-americanos sobre a diversidade sexual e de gênero**, Edition: 1, Publisher: Editora da FURG; Editora Realize, Editors: Fernando Seffner e Marcio Caetano, 2016. pp.718-731

BRASIL, Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares**: ensino médio. Secretária de Educação Média e Tecnológica. Brasília: MEC-SEMT,1999.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

DANTAS, M. C. C. “*Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*” : o performativo curricular – na análise de Torpedo um vídeo do Kit Escola sem Homofobia. Orientador: Prof. Dr. Miguel Angel Garcia Bordas. Tese (doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador, 2014.

DE LAURETIS, Teresa. **A tecnologia do gênero**. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses*: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TORPEDO. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2qR7yDI0W0g>>. Acesso em: 17 jun. 2017.